

REFLEXÕES SOBRE O EMPREGO DA ESCRITA NO ENSINO DE JAPONÊS

Elza Taeko Doi

Conforme foi salientado em estudo anterior¹, o ensino de língua tende, atualmente, a valorizar o aspecto comunicativo, afastando-se do ensino baseado nos aspectos puramente formais da língua. Essa nova proposta poderia ser considerada como uma forma de proceder a uma aprendizagem de maneira "natural", conforme o processo que ocorreria na aquisição de língua pelas crianças, isto é, através da compreensão e comunicação na língua levados pela motivação que estaria subjacente nos aprendizes.

Com base nestas considerações poder-se-ia inferir que a escrita da língua não constituiria um aspecto relevante ao ensino da língua, uma vez que o aspecto comunicativo e informativo é que estariam em questão. Entretanto, consideramos que, em línguas como japonês que possui um sistema de escrita distinto do alfabeto romano, o ensino da escrita merece uma atenção maior, principalmente quando o ensino é dirigido aos adultos.

É nossa intenção refletir neste breve ensaio, o problema relacionado com a escrita e o ensino de japonês. Dadas as particularidades desta língua que emprega dois tipos diferentes de escrita (Kana² e Kanji), que têm características próprias — o Kana registra as unidades silábicas e não as unidades segmentais; o Kanji constitui um ideograma —, este aspecto mereceria uma atenção especial no ensino de japonês.

No entanto, há entre alguns professores desta língua, um consenso de que, sendo a escrita do japonês mais "difícil" do que o alfabeto romano, não haveria necessidade do aluno em aprender a escrita em detrimento da aprendizagem de outros aspectos tais como a estrutura

e o vocabulário da língua.

O emprego da escrita no ensino de japonês se deve ao fato de que, em se tratando de aprendizes adultos (portanto, em sua grande maioria alfabetizados na língua primária), seria impossível pensar-se no método puramente oral empregado pelas crianças no seu processo de aquisição da língua.

Considerando que o input adequado ³ é de importância para o ensino da língua, poderíamos estender esta consideração também no aspecto da leitura (ou no reconhecimento da escrita). Temos observado manuais de japonês que, na tentativa de facilitar a aprendizagem desta língua, apresentam todo input registrado em escrita romana. Este tipo de procedimento poderia, aparentemente, estar conforme a proposta de Krashen e Hatch, mas verificamos que a facilidade que proporcionaria ao aprendiz, não significaria facilitar a aprendizagem da língua no seu aspecto de compreensão e comunicação. Também consideramos que a aprendizagem do japonês para adultos sem recorrência à escrita, isto é, apenas com o input oral, visando o mesmo processo de aquisição de línguas pelas crianças, não alcançaria o objetivo desejado, ou seja, a comunicação e a compreensão da língua, porque os adultos possuem o seu "universo" já estruturado com o domínio da língua primária.

No caso específico de japonês, consideramos que a aprendizagem realizada com auxílio da escrita viria favorecer a aprendizagem da língua, ao invés de dificultá-la, como afirmam os defensores do modelo de ensino via oral.

Tanto Krashen como Hatch consideram de importância o conhecimento de vocabulário pelos adultos que procuram primeiramente conhecer o significado dos léxicos para, depois, participarem da conversação. Se o conhecimento do conteúdo do vocabulário adquire um papel de destaque no processo de aprendizagem da língua pelos adultos, então, por que deixar de ensinar os Kanji que envolvem já um conteúdo semântico? O ensino de japonês com a incorporação da escrita não viria, então, facilitar a aprendizagem desta língua? Um outro fator relacionado com o vocabulário, diz respeito ao número considerável de vocábulos homófonos que se encontram no japonês, cuja distinção seria detectável apenas com o conhecimento da escrita Kanji.

A importância da escrita como apoio à aprendizagem da língua estende-se também no aspecto fonológico e morfo-sintático da língua.

Neste ensaio abordaremos apenas a influência que a escrita poderia exercer na aprendizagem do aspecto fonológico da língua, pelos apren-

dizes falantes de Português.

O uso da escrita romana para transcrever o japonês principalmente aos aprendizes que empregam esse sistema de escrita na língua primária (como é o caso dos falantes de Português), viria proporcionar um ensino de língua não adequado no aspecto fonológico. Isto porque, ao acompanhar o japonês registrado em escrita romana, os aprendizes sofreriam, inevitavelmente, a influência das características do sistema fonológico de sua língua primária que utiliza o mesmo sistema de escrita.

Por outro lado, haveria casos em que as transcrições seriam apenas aproximadas, uma vez que os sons como [ɕ], [ɯ] do japonês não teriam uma representação na escrita romana. Nestes casos, o recurso que se emprega é o de utilizar a escrita, cujos sons são interpretados como sendo os mais próximos em termos fonéticos, ou seja, /f, h/ para registrar [ɕ], /u/ para registrar [ɯ]

Com isso, as formas escritas seriam realizadas pelos aprendizes falantes de Português segundo as características fonéticas dos segmentos desta língua, como por exemplo:

- [ɕ] do japonês em início de palavras seria realizado como [r]:
"raishu"⁴ (próxima semana) [$\text{raz}\text{ɯ}$]
- [ɕ] seria realizado como [f] ou [h]:
"futatsu" (dois) [futatsu]
"hutatsu" (dois) [hutatsu]
- [ɯ] seria realizado como [u], conforme exemplo acima.
- Os traços de anterioridade que caracterizam alguns dos segmentos do japonês em ambientes específicos não seriam levados em consideração⁵

Esta transcrição não seria apropriada também em termos rítmicos, na medida em que ao seguir o texto de japonês em escrita romana, o aprendiz seria, inevitavelmente, influenciado pelo ritmo da sua língua primária, acarretando um desempenho de japonês com fortes características do ritmo de português.

Como o Kana, sendo uma escrita silábica, identifica-se também com a unidade mora do ritmo do japonês, o emprego desta escrita na aprendizagem do japonês viria favorecer a apreensão da isocronia silábica que caracteriza o ritmo do japonês. Podemos citar como casos representativos deste aspecto, as moras consideradas específicas do

japonês⁶ :

- a mora nasal /n/ como por exemplo em /ho-n/ (livro)
< ho-n > ⁷
- a mora constituinte das consoantes geminadas /ro-p-pa/ (6 aves)
< ro-p-pa >
- a mora da seqüência VV interpretada como sílaba longa:
[iko:] /i-ko-o/ (vamos) < i-ko-u >

Através destas unidades de escrita e de ritmo, a aprendizagem dos acentos do japonês seria favorecida, uma vez que se a transcrição fosse feita com a escrita romana, os aprendizes falantes de Português fariam uso de acentos desta língua que se caracterizam pela propriedade de dar unidade a um item lexical, por meio de uma sílaba tônica e uma (ou várias) sílaba (s) tônica (s).

Conforme estudo anterior⁸ sobre o japonês, a escrita assume um papel de importância em japonês, uma vez que ela viria determinar o ritmo desta língua. Sabemos que por influência de outros fatores como fluência e velocidade da fala, estas unidades silábicas, não seriam realizadas com durações absolutamente iguais, mas a consciência que o aprendiz teria da isocronia silábica através da representação escrita, adquiriria um papel decisivo na aprendizagem do japonês.

Nesse sentido, a orientação do aspecto fonológico do japonês acompanhado de escrita desta língua traria, segundo nossas observações, resultados mais satisfatórios do que a prática de ensino que sob a aparente simplificação e “avanço” nos métodos de ensino não empregam a escrita de Kana.

Consideramos que no processo de ensino de línguas para adultos, não haveria necessidade de proceder ao ensino da escrita somente após a aquisição das “estruturas básicas” da língua, e nem mesmo depois da efetivação de uma comunicação na língua secundária.

Consideramos que a compreensão e a comunicação não resultam obrigatoriamente apenas do ensino oral. A escrita, pelo menos no caso do japonês, constitui um fator de importância no ensino e na aprendizagem desta língua, porque ela viria auxiliar na eficácia da compreensão e realização do japonês.

Entretanto, cabe-nos frisar que a escrita constitui um auxiliar para o bom desempenho da aprendizagem desta língua. A recorrência única

e total à escrita do japonês, traria problemas na aprendizagem do aspecto fonológico da língua, uma vez que na realização de uma língua envolvem outros aspectos tais como o estilo da fala, a velocidade, a intonação, para que a língua atinja um desempenho o mais natural e aproximado possível ao de um falante nativo da língua.

NOTAS

- (1) "Algumas considerações sobre os modelos de aprendizagem e a sua aplicabilidade no ensino de japonês", manuscrito, Unicamp, 1984.
- (2) Três tipos de escrita, se considerarmos o Hiragana e Katakana como dois tipos diferentes de escrita.
- (3) Conforme Krashen.
- (4) As palavras entre aspas representam a transcrição romana do japonês.
- (5) Conforme pág. 11-14, *Estudos Japoneses IV*. S.Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1984.
- (6) Doi, E.T. – *A interferência fonológica no Português falado pelos japoneses na região de Campinas (SP)*, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1983.
- (7) Empregamos < > para indicar a representação escrita em japonês.
- (8) Conforme nota 6.

BIBLIOGRAFIA

- 1) CORDER, S.P., – "Formal simplicity and functional simplification" in *Error Analysis and Interlanguage*, Oxford: Oxford University Press, 1981.
- 2) DOI, E.T – *A interferência Fonológica no Português falado pelos japoneses na Região de Campinas (SP)*
Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1983.

- 3) KRASHEN, S.D. – “The Theoretical and Pratical Revelance of Simple Codes in Second Language Acquisition” in Kashen, S.D. e Scarcella, R.C., *Issues in Second Language Research*, Rowley, Massachussets: Newbury House Publishers, 1980.
- 4) KRASHEN, S.D. – “Relating Theory and Practice in Adult Second Language Aquisition” in *Second Language Aquisition and Second Language Learning*, Oxford: Pergamon Press, 1981.
- 5) Littlewood, W.T – *Foreign and Second Language Learning* Cambridge: Cambridge University Press, 1984.